

Açoriano Orient

O MAIS ANTIGO JORNAL PORTUGUÊS FUNDADO EM 1835 POR MANUEL ANTÓNIO DE VASCONCELOS • DIRECTOR PAULO SIMÕES • DIRECTOR-ADJUNTO PEDRO LAGARTO • ANO CLXXV • Nº 16934 • S

LEGISLATIVAS

Campanha arranca com poucas caras novas

Campanha começa oficialmente amanhã. Maioria dos partidos repete cabeças-de-lista de há quatro anos atrás **PÁGINAS 2 E 3**

Cavaco Silva apela a que durante a campanha eleitoral haja elevação nos debates e contenção na despesa **PÁGINA 18**



EDUARDO RESENDES

“Região tem capacidade para produzir engenheiros”

O presidente da Associação Nacional dos Engenheiros Técnicos acusa a Universidade dos Açores de desperdiçar recursos e de não formar na Região engenheiros, enviando-os ao fim de dois anos para Lisboa ou Porto **PÁGINA 5**

Município de Ponta Delgada

SMAS

Serviços Municipalizados de Água e Saneamento

WWW

Região precisa de engenheiros

LUSA/TERESA FRANCO
acorianooriental@acorianooriental.pt

O presidente da Associação Nacional dos Engenheiros Técnicos (ANET), Augusto Guedes, considerou ontem um “desperdício de recursos” que a Universidade dos Açores (UAç) disponibilize os dois primeiros anos de Engenharia e que o curso tenha que ser concluído no continente.

“Fazer os preparatórios em Engenharia para depois o curso ser concluído no continente tem sido um desastre e um desperdício de recursos financeiros”, afirmou Augusto Guedes, para quem este modelo “tem sido um fracasso absoluto para os estudantes, com taxas de sucesso e de retorno de engenheiros baixíssimas”.

Para o presidente da ANET, a UAç tem gasto mal o “dinheiro dos impostos”, que considera que “deve ser melhor aplicado”.

Augusto Guedes, que falava aos jornalistas em Ponta Delgada, à margem do seminário sobre “Segurança contra Incêndios em Edifícios, aplicação da nova legislação”, acusou a UAç de se recusar a perceber que o essencial seria produzir na Região engenheiros técnicos e outras formações necessárias ao desenvolvimento do arquipélago.

“A Região tem capacidade para produzir os seus engenheiros e não precisa de os mandar ao fim de dois anos para Lisboa ou Porto”, defendeu.

Por outro lado, o presidente da ANET manifestou contentamento com a nova legislação que, na



Um aspecto do seminário “Segurança contra Incêndios em Edifícios”

EDUARDO RESENDES

“A Região tem capacidade para produzir os seus engenheiros e não precisa de os mandar ao fim de dois anos para Lisboa”

sua perspectiva, poderá gerar “a médio prazo uma melhor arquitectura no território nacional”.

“Há um edifício legislativo que saudamos porque vai ter efeitos a médio prazo”, afirmou, referindo-se à legislação que define as qualificações dos técnicos que podem intervir na elaboração de projectos de arquitectura e de engenharia e a legislação contra incêndios.

Augusto Guedes explicou que “a Lei 31, que entra em vigor no dia 3 de Novembro deste ano, de-

fine que a arquitectura é dos arquitectos e só pode ser praticada pelos arquitectos. Nós (ANET) sempre defendemos que a arquitectura tem de ser feita pelos arquitectos e a engenharia tem de ser feita pelos engenheiros e engenheiros técnicos”.

“Esta lei define as qualificações dos técnicos que podem intervir na elaboração de projectos de arquitectura e de engenharia”, referiu o presidente da ANET, acrescentando que “esta é uma das leis mais importantes que fo-

LEGISLAÇÃO

Segurança contra incêndio em edifícios

A legislação sobre segurança contra incêndios em edifícios encontra-se actualmente dispersa por um número excessivo de diplomas avulso, dificilmente harmonizáveis entre si e geradores de dificuldades na compreensão integrada que reclamam. De acordo com o Diário da República de 12 de Novembro de 2008, esta situação coloca em sério risco não apenas a eficácia jurídica das normas contidas em tal legislação, mas também o seu valor pedagógico. Para além disso verifica-se uma série de lacunas e omissões desse quadro normativo. Tal deve-se parcialmente ao facto de para um conjunto elevado de edifícios não existirem regulamentos específicos de segurança contra incêndios. É o caso de instalações industriais, armazéns, museus, bibliotecas, entre outros. ||

ram produzidas por este Governo e que nós temos a responsabilidade de contribuir para a sua aplicabilidade”.

“Vamos disfarçando nalgumas coisas, mas fazemos parte de países terceiro-mundistas. Basta ver a qualidade de construção das nossas cidades, quão decrépito está o nosso parque urbano e a forma como há protecção e corporativismo de muitos profissionais representados por algumas ordens”, frisou Augusto Guedes. ||